

CINEMA NA ESCOLA APRESENTA: “O SENHOR DOS ANÉIS” PELO OLHAR DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

Tadeu Pereira dos Santos¹
Leandro Ferraz Pereira²

Resumo:

O presente artigo constitui uma análise do filme O Senhor dos Anéis, explorando temáticas comuns ao cotidiano dos discentes, como: racismo, preconceitos e relações de poder. Nesse propósito, visa transformar uma mídia “comum”, subentendida como entretenimento, em um instrumento de diálogo e reflexão na compreensão da sociedade, ou seja, um olhar sobre a nossa formação cultural e a cultura do outro.

Palavras-chave: Filme, recurso didático-pedagógico, questões étnico-raciais

Abstract:

The present article constitutes an analysis of the film The Lord of the Rings and explores themes which are common to pupils' daily lives such as: racism, prejudices and relations of power. The article aims to transform an ordinary “media”, implied as entertainment, into an instrument of dialogue and reflection in the understanding of society, that is, a look upon our own cultural formation as well as other peoples' culture.

Key words: Film, didactic-pedagogical resource, ethnic-racial questions

Este texto constitui-se em uma reflexão elaborada ao longo da disciplina Oficina de Prática II na Universidade Federal de Uberlândia, que teve como objetivo materializar as discussões e reflexões no interior da sala na produção de materiais metodológicos e didático-pedagógicos que possa ser útil aos profissionais da História, na medida em que acreditamos na sua viabilidade, pois possibilita-nos estabelecer um diálogo com os alunos refletindo sobre a sociedade em que vivemos uma vez que o momento histórico atual nos revela uma sociedade permeada pelas disputas, em que os homens lutam pela manutenção da diferença religiosa, étnica e o direito às questões concernentes ao lazer, saúde e moradia. Em outras palavras, lutam para serem os sujeitos de suas histórias e, ao mesmo tempo, elaborando suas próprias memórias.

Neste sentido, o presente trabalho consiste na análise do filme “O senhor dos Anéis”³, como um recurso didático-pedagógico a ser somado a outros recursos, embasado teoricamente,

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia – MG. Contato: tadeupopulis@yahoo.com.br

² Graduando em História pela Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia – MG. Contato: leandroferp@yahoo.com.br

nas reflexões de Martha Abreu, Tzvetan Todorov, Homi K. Bhabha e Michel Foucault. A reflexão que se segue constitui uma analogia à sociedade atual. Um ponto de partida para refletirmos criticamente a sociedade em que vivemos e fazemos uma análise do nosso presente. Assim nos perguntamos quem ou o que somos? O que queremos como profissionais da educação e para onde estamos seguindo?

Essas questões estão diretamente ligadas às dimensões da vida, em seus aspectos: culturais, políticos, econômicos, enfim, revelam a maneira de ser e de estar dos homens convivendo em comunidade.

Desse modo, a medida em que as mudanças são constantes no que concerne às questões tecnológicas, impondo uma cultura midiática que altera significativamente a dinâmica de qualquer sociedade, como lidamos com as novas tecnologias em nosso cotidiano? Qual é o significado dessa lógica para os educadores?

Nestas perspectivas, a tecnologia tem sido compreendida por grande parcela da população como moderna e revolucionária. Por sua vez, os aparatos advindos da produção tecnológica são cada vez mais consumidos por essa mesma população. Às vezes, visto como sinônimo de progresso. Diante disso, como pensarmos o campo educacional e como nos vincularmos aos meios de comunicação em um país que cotidianamente vivencia o sucateamento da educação?

Essas questões nos permitem apontar que, o sucateamento da educação por parte do Estado, tem transformado as escolas em espaços alheios aos educadores, na medida em que as péssimas condições de trabalho e os baixos salários desestimulam a maioria dos profissionais da educação. As escolas para os professores deixaram de ser um local de prazer. Isto é, a prática do ensino deixou ou está deixando de ser uma atividade prazerosa. Em outras palavras, em uma sociedade em que as regras são mediadas pela cultura midiática, e o livro didático ainda é o principal recurso didático pedagógico disponibilizado pelo Estado para os professores dialogarem com os alunos.

Por outro lado, enquanto os professores vivem atrelados fortemente pelo livro didático, os seus alunos estão munidos do contato com a Internet, a televisão, o rádio, o cinema e outros meios de comunicação. Assim, nos perguntamos como falarmos a mesma língua, já que no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem insistimos em manter uma relação de distância?

³ “*The Lord of the Rings: the fellowship of the ring*” (O Senhor dos Anéis: a sociedade do anel), New Line Cinema, Warner Home Vídeo, 2001, 179 minutos. Direção de Peter Jackson, roteiro de Fran Walsh, Philippa Boyens e Peter Jackson, baseado no livro de J.R.R. Tolkien. Filmado na Nova Zelândia entre setembro de 1999 e fevereiro de 2000, lançado nos cinemas em 2001.

Em meio a essas considerações, na tentativa de sintonizarmos o presente com o passado, na qual essa última temporalidade não venha à tona para os discentes como algo morto e sem significado nos moldes dos meios de comunicação que transmitem apenas informação deixando as questões políticas alheias. Desse modo, as palavras abaixo, de Circe Bittencourt, nos revelam o que significa uma sociedade viver nos meandros do presentísmo.

(...) trata-se de gerações que vivem o presenteísmo de forma intensa, sem perceber liames com o passado e que possuem vagas perspectivas em relação ao futuro pelas necessidades impostas pela sociedade de consumo que transforma tudo, incluindo o saber escolar, em mercadoria. A História oferecida para as novas gerações é a do espetáculo, pelos filmes, propagandas, novelas, desfiles carnavalescos. (JANOTTI, 2001:14)

Mesmo levando em consideração as assertivas de Bittencourt, acreditamos que as afirmações da referida professora devem ser mediadas diante da realidade educacional que se apresenta. É bem verdade que não devemos enveredar pelo presenteísmo, tampouco fecharmos nossos olhos para os ditames de uma sociedade consumista, reflexo preciso do capitalismo. Segundo o professor José Carlos Libâneo⁴, em uma entrevista em 11 de junho de 2002⁵, “a escola tem concorrentes poderosos, inclusive que pretendem substituir suas funções, como as mídias, os computadores, e até propostas que querem fazer dela meramente um lugar de convivência social.” (COSTA, 2003: 24-25).

Para Libâneo, a escola (a sala de aula) não é mais a única agência de transmissão do conhecimento, diríamos, entretanto, que não é mais a principal agência. A educação, não se restringe ao espaço educacional, os indivíduos buscam informações em muitos lugares – na cidade, na TV, no cinema, no rádio, no jornal, na família, no trabalho, na *internet* –; cabe à escola ensinar como analisar criticamente essa informação e dar a ela um significado pessoal. Entretanto, faz-se necessário um olhar mais acurado acerca das mídias e quanto à utilização das mesmas em sala de aula, que podem ser ferramentas interessantes no tocante à prática do ensino de História. Neste sentido, podemos dizer que numa sociedade onde se trabalha a História desconsiderando a relação presente e passado, há o intuito em retirar dos sujeitos os seus papéis de agentes sociais, que podem modificar a sociedade e projetar o futuro. Ou seja, o ocultamento da relação passado/presente, presente/passado busca a despolitização dos homens – indivíduos “sem passado” -, explicitando um projeto maior de um estado de dominação alicerçado em preceitos educacionais.

⁴ Vice-coordenador do Mestrado em Educação da Universidade Católica de Goiás (UCG).

⁵ Entrevista realizada em Goiânia, por ocasião da SBPC.

A relação com o caráter de presentismo pode ser observada na película “O Senhor dos Anéis”, no desenrolar dos acontecimentos em torno das sociedades que habitam a “Terra-Média” sobre as relações dentro da Sociedade do Anel e seus desdobramentos quanto à maldição em portar o objeto que é o centro da trama. Na narrativa em que se inicia o filme a História deveria ser lembrada, ou seja, o vínculo com o passado deveria ser memorizado para que os homens não esquecessem o que o anel poderia causar àquela sociedade. Contudo, a mesma reforça que os homens mudaram e aqueles que objetivavam uma sociedade de homens livres já estavam mortos. Desse modo, rompia-se a relação presente/passado e se fixava apenas no presente, o que importava era o seu aqui e agora.

O mundo está mudado.

Eu sinto isso na água.

Eu sinto isso na terra.

Eu farejo isso no ar.

Muito do que já existiu se perdeu (...), pois não há mais ninguém vivo que se lembre.⁶

Essas considerações nos permitem refletir sobre quais os tipos de História que discutimos no interior das salas de aula, bem como, ressalta a continuação da relação presente/passado para entendermos a nossa sociedade, ou seja, qual é o passado que estamos legitimando, num momento muito preciso da História, e a quem o mesmo serve de esteio?

Os propósitos neoliberais dessa sociedade consumista em que vivemos preocupam-se em identificar os indivíduos como pertencentes ao sistema capitalista globalizado. As escolas, as salas de aula não estão livres destas influências. Os estudantes estão mais preocupados com o celular com tecnologia de última geração, com os encontros com “a galera” nos *shoppings* e nos principais *points* da cidade e nas conversas pela internet através dos *chats*, do que na resposta da clássica pergunta “por que estudar História?”. A História deve contribuir para a formação política do indivíduo que enfrenta em seu dia-a-dia contradições, preconceito, desemprego, violências, que recebe informações do que acontece na sua cidade, no seu estado, no seu país e no mundo simultaneamente, que acha que exercer cidadania é somente durante o ato de votar, e patriotismo é se orgulhar da Seleção de futebol que o representa em competições internacionais. Para Libâneo “a informação domina, o conhecimento liberta.” (COSTAS, 2003:25

Imersos nessa sociedade da “informação”, do consumo e da era da comunicação, acreditamos que o filme como recurso didático-pedagógico nos vislumbra uma nova

⁶ “*The Lord of the Rings: the fellowship of the ring*” (O Senhor dos Anéis: a sociedade do anel), New Line Cinema, Warner Home Vídeo, 2001, 179 minutos.

possibilidade de nos aproximarmos da linguagem dos alunos, nesse mundo midiático. Isto é, o filme não constituindo apenas um meio de entretenimento, mas um espaço que imbuído de significado, nos possibilita juntamente com os alunos reflexões que propiciem subsídios para compreendermos a sociedade na qual vivemos, ou melhor, o ponto onde nos situamos. Desse modo, a película cinematográfica “*O Senhor dos Anéis*” é um importante ponto de partida para refletirmos sobre temáticas atuais da história, tais como: racismo, preconceito, diferença, relações de poder, estado de dominação, dentre outros, presentes em nossa sociedade.

Assim, por meio do conceito de Cultura Política como sugeriu Martha Abreu em seu texto, “Cultura Política, música popular e cultura afro-brasileira: algumas questões para a pesquisa e o ensino de História” (ABREU, 2005:409-432) ao pensar as relações da musicalidade com a sociedade no início do século XX, em que a música, enquanto parte integrante do modo de vida, se apresenta como expressão de valores, explicitadores de produção e de significados, aponta outras possibilidades de ações realizadas pelos indivíduos por meio de outras perspectivas de vida, orientando uma percepção da sociedade pautada num distanciamento dos aspectos da bipolarização. Ainda, complementa, propondo uma análise que priorize uma interpretação da história para além do maniqueísmo como devemos pensar o objetivo pesquisado intrínseco ao seu contexto histórico, bem como olhá-lo para além de uma relação binária, ao buscar outros ângulos para se ver a sociedade.

De semelhante modo, para Todorov (TODOROV, 1993:22-23) é necessário sairmos do foco de análise que priorizem a interpretação alçada no binômio o “eu” e o “outro” e entendermos que os grupos não constroem a sua identidade apenas com aquilo que acreditam ser os seus valores, mas em contato com os outros. Assim, temos um processo de formação de identidade que perpassa a questão híbrida, pois é impossível vivermos em contato com os outros e nos mantermos puros. Isto é, a partir dos outros incorporamos novos valores e até mesmo, repensamos a nossa cultura.

Ao pensar nessas questões, nos orientamos pelas sugestões de Martha Abreu que nos indica a necessidade de uma análise da sociedade que considere o processo de continuidade e descontinuidade ao longo do processo histórico, haja vista que, os homens se transformam ao longo da vida e, assim, incorporam alguns valores bem como desvencilham de outros. Nessa mesma perspectiva, Todorov em seu texto “*Nós e os Outros*” por meio das palavras de La Bruyere nos ajudam a entender que: “os homens não possuem usos ou costumes que sejam de todos os tempos (os costumes) mudam com o tempo.” (TODOROV, 1993:22-23).

Essas palavras além de confrontarem-se com as argumentações da pureza de identidade, assumem o esteio de universal, sobrepujando as relações de tempo e espaço,

conforme acreditam os seus adeptos permanecerem tal e qual sem alteração. Assim, o caráter de universalismo se apresenta como um elemento que transforma a diferença em desigualdade, na medida em que a relação estabelecida entre o “eu” e o “outro” pressupõe que os valores de um grupo sejam verdadeiros, como parâmetros instituídos para se orientar na sociedade, bem como se relacionar com os outros. Isto é, são pensados, a partir dos valores do “eu”, daquele que se coloca no centro do discurso.

Afirmações como essas são refutadas pelas reflexões de Marta Abreu e Todorov. Percebemos que questões como racismo, preconceito e diferença que foram postas no século XVII, XVIII, XIX e XX, ainda se fazem presentes em nossa sociedade.

Desse modo, o conceito de cultura política, nos ajuda a compreender o filme como um instrumento que, para além do entretenimento, produz significados e, ao mesmo tempo nos faz refletir o seu diálogo com a sociedade. Isto é, qual é a cultura que o mesmo produz? Quais são os valores que o mesmo trás embutido no olhar do diretor? E como dialoga o mesmo com o momento histórico que foi produzido? Isto é, como vincular a relação presente/passado, já que isso é a mola precursora de qualquer historiador-educador no espaço educacional?

Acreditarmos ser o filme um dos pontos de partida para medirmos essas relações, uma vez que foi e continua sendo visto por um número significativo de alunos, bem como, diferente do livro didático, as imagens, além de mudar a dinâmica das aulas, tendem a despertar as atenções dos alunos.

À luz dessas considerações, devemos pontuar que a experiência pedagógica revertida numa oficina com alunos do ensino médio, atestou a importância da utilização de uma determinada mídia, no caso, o filme, para a troca de conhecimento, não só histórico, entre professores e alunos. A oficina consistiu, basicamente, em quatro etapas: primeiro, o esclarecimento do propósito da escolha em se trabalhar com filmes, e da escolha desta película especificamente. Isto é, revelaremos que a escolha desse material não foi aleatória e também não substituirá o educador em sala de aula e que, como material didático-pedagógico vislumbrará objetivos a serem alcançados. Desse modo, demonstraremos aos alunos que o filme também nos revela “verdades”, semelhante ao livro didático. Assim, foi possível discutir o que são documentos históricos, bem como elucidarmos o caráter de construção e representação na História.

A segunda etapa consistiu na apresentação do filme “*O senhor dos Anéis*” e ao mesmo tempo a distribuição da sinopse do mesmo, destacando como os alunos devem ler a película cinematográfica. Em outras palavras, quais são os nossos – professores e alunos –

propósitos com o filme, o que objetivamos com o mesmo, já que não consiste apenas em um meio de lazer e entretenimento.

Segue-se sinopse do filme:

Numa terra fantástica e única, chamada Terra-Média, um hobbit recebe de presente de seu tio o Um Anel, um anel mágico e maligno que precisa ser destruído antes que caia nas mãos do mal. Para isso o hobbit Frodo terá um caminho árduo pela frente, onde encontrará perigo, medo e personagens bizarros. Ao seu lado para o cumprimento desta jornada aos poucos ele poderá contar com Legolas o elfo, Gimli o anão, os humanos Aragorn e Boromir, o mago Gandalf e seus três amigos hobbits, Merry, Pippin e Samwise, totalizando 9 pessoas que formarão a Sociedade do Anel. Com a ajuda dessa corajosa sociedade de amigos e aliados, Frodo parte na arriscada missão de destruir o lendário Um Anel. À caça de Frodo estão os servos de Sauron, o criador do Um Anel. Se Sauron recuperar o Um Anel, toda a Terra-Média estará condenada. Atravessando montanhas, florestas, pântanos, neve e rios, enfrentando todos os tipos de perigos e criaturas, a Sociedade do Anel deve triunfar pois a destruição do Um Anel é a única maneira de acabar com o reinado de Sauron, o Senhor do Escuro.

Na terceira etapa, os alunos montaram painéis com recortes de jornais e revistas, fornecidos previamente pelos organizadores da oficina, relacionados com o filme em questão, os quais surtem reflexões sobre o que fora por eles visto e debatido em relação aos temas abordados.

Nesse sentido, os painéis foram montados após a exibição do filme e o debate/apresentação dos painéis ficou para o quarto momento, em que o debate tem como ponto de partida os painéis produzidos pelos alunos, os quais revelaram as suas impressões do filme e dos textos discutidos em sala de aula. Isto é, a partir das impressões dos discentes apresentadas por meio dos painéis, o professor estabelecerá uma nova discussão com os mesmos, pontuando os conceitos dos autores. Possibilitando assim, um diálogo que unifique a prática com a teoria. Para Tzvetan Todorov, o diálogo, assume, seja entre os teóricos, seja pelos homens na sociedade o seguinte papel:

Escolher o diálogo quer dizer também evitar os dois extremos que são o monólogo e a guerra. Que o monólogo seja do crítico ou do autor, pouco importa: trata-se, a cada vez, de uma verdade já encontrada, a que só resta ser exposta; ora, fiel a Lessing, prefiro buscar a verdade do que possuí-la. (...) (TADOROV, 1993:16).

As considerações de Todorov abrem uma nova possibilidade de ensino-aprendizado para o professor. Ao pautar suas ações nas salas de aula pelo diálogo, distanciam-se de uma postura que impede a comunicação entre professor e alunos, em que, por um lado, o professor é o detentor de conhecimento e, por outro, os alunos receptores. Nessa situação, faz-se necessário avaliarmos a dimensão política da disciplina História para os sujeitos que compõem a sociedade, que vai além de uma concepção mecanicista em que se aplica o ensino (em nosso caso, de História) em sala de aula, saindo, dessa maneira, daquele movimento perverso que, por ser entendido como um estado de dominação, vê o professor como transmissor de conhecimentos e o aluno como mero receptor.⁷

Diante desse quadro, temos a sensação e, podemos mesmo tatear, a relevância do ensino de História para a formação de um cidadão crítico, consciente dos conflitos próprios de uma sociedade dita democrática.

Assim, o filme, torna-se um importante instrumento para reflexão entre docente e discente em torno da sociedade e do tempo presente. Aqui, a relação presente e passado será o esteio para compreendermos o ponto onde nós estamos, Isto é, sairmos do presente, fazermos a baldeação ao passado e retornamos ao presente, como aludiu Michel de Certeau.(1982: 124)

Após essa breve explanação da aula proposta, buscamos dialogar sobre as possibilidades de refletir sobre como a partir do filme “*O senhor dos Anéis*” podemos refletir a respeito de algumas questões, tais como: racismo, preconceito, o eu e o outro, dentre outras temáticas que se relacionam à sociedade em que vivemos.

O filme, “*O senhor dos Anéis*”, a partir dos seus aspectos simbólicos: as imagens, o estereótipo, o jogo de cena travestido na luminosidade, dentre outros, nos serve de esteio para discutirmos a construção daquilo que Todorov classificou de racismo universal. O trecho a seguir nos revela em que caráter se dá esse etnocentrismo:

A opção universal pode se encarnar em diversas figuras. O etnocentrismo merece ser posto à frente, pois é a mais comum dentre elas. Na acepção dada aqui a esse termo, consiste em, de maneira indevida, erigir em valores universais os valores próprios à sociedade a que pertencemos. O etnocêntrico é, pois assim dizer, a caricatura natural do universalista; este, em sua aspiração ao universal, parte de um particular, que se empenha em generalizar; e tal particular deve forçosamente lhe ser familiar, quer dizer, na prática, encontrar-se em sua cultura. A única diferença – mas, evidentemente, decisiva – é que o etnocêntrico segue a linha do menos esforço e procede de maneira

⁷ Para entender melhor esta crítica, ler FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

não crítica: crê que seus valores são os valores e isso lhe basta; nunca busca verdadeiramente prová-lo. (TODOROV, 1993: 21)

Esses elementos suscitados pelo autor, nos permitem perceber que na primeira metade do filme, a época anterior à constituição da Sociedade do Anel, em cuja maneira que um grupo projeta o outro, afigura-se como se sobressai o caráter etnocêntrico. Como exemplo podemos citar a cena em que os diferentes grupos envolvidos na trama ao disputar a posse do Anel até o seu destino em que seria destruído, revela o preconceito do outro, sem o prévio conhecimento antecipado um olhar negativo. Para Todorov, essas questões que permeiam o filme devem ser pensadas com base na seguinte indicação: “Não o um ou outro, mas o um e o outro”.

A proposta desse teórico assume aos nossos olhos duas dimensões quando remetida à análise histórica. Por um lado, faz-nos refletir no processo de colonização brasileira em relação ao processo de colonização do continente como um todo, a relação da América com a Europa, bem como desta última com o oriente. Isto é, como se elaboraram as narrativas em que a Europa foi e ainda continua sendo considerada como o “centro cultural” do planeta. A partir da Europa foram construídas a América e o oriente. Qual é o lugar que ocupamos nessas narrativas européias? Como somos tratados? Serão essas narrativas produtos dessa relação do eu com outro ou de um eu ou de outro? Segundo Foucault (2004, 264-287), cada sujeito ou grupo participa de uma relação de poder em um determinado jogo de verdade encontrado nas instituições ou nas práticas de controle de sua sociedade. Jogo entendido como um conjunto de ações, uma relação de forças que se induzem e se respondem umas às outras, que conduzem a um certo resultado, seja ele válido ou não; e verdade como certezas que orienta toda uma produção de valores.

Tendo como referencial esse “eu” europeu como parâmetro de verdade, os europeus ao nos olhar, transformam a diferença em desigualdade. Neste sentido, o caráter etnocêntrico não faz o menor esforço para conhecer a diferença e sim se mantém fechado em seu mundo, o outro não faz parte do seu universo.

Assim, os mitos, as lendas imersas como componentes do universo simbólico nas sociedades são o esteio para as maneiras distintas de representações que vinculadas à imaginação, produzem subordinação e dominação. Desse modo, um grupo projeta o outro, o enquadrando na sua cultura, de maneira que o mundo do etnocêntrico não seja modificado e suas ações objetivam manter o lugar que sempre ocuparam na sociedade.

Em uma das cenas do filme, quando o mago Gandalf pede ao hobbit Frodo Bolseiro para levar o Anel até um povoado, juntamente com um amigo, Samwise, deslocam-se em

direção ao destino a que deveria chegar. No entanto, ao chegar aos limites territoriais de seu povoado, Samwise, o amigo de Frodo, portador do anel, tem medo de transpor as fronteiras.

Nesse caso, a fronteira não é apenas territorial, no sentido físico, mas a maneira de ser e estar no mundo que projetam esses indivíduos, uma territorialidade subjetiva, vinculando-se a maneira pela qual foi constituída a sociedade no filme. A partir das sugestões de Michel de Foucault, em seu texto “*Ética, Sexualidade, Política*”, podemos sugerir que, nesse filme, os indivíduos se atêm ao caráter de verdade e, nas considerações desse teórico, esse conceito assume as seguintes projeções: “(...) – Há então agora uma espécie de deslocamento: esses jogos de verdade não se referem mais a prática coercitiva, mas a uma prática de autoformação do sujeito.” (FOUCAULT, 1995:242)

Aqui, o universo de formação se manifesta com uma verdade a ser assumida e vivenciada. Assim, limitar-se ao seu território, pressupõe assegurar-se ou evitar os perigos ao transpor o espaço desconhecido, pois o mesmo leva ao estranhamento, na medida em que se confronta os valores de outrem, bem como a sua cultura. Coloca-se em xeque a cultura e o seu “eu”.

Desse modo, entendemos que a maneira desse estranhamento produz racismo. Haja visto que, a conduta do “eu” frente ao “outro” se baseará na intenção de assegurar os seus valores. Assim, é o “eu” querendo sobrepor ao “outro” em uma forma de dominação, uma vez que se acredita que os seus valores são superiores e o que interessa é apenas o seu mundo.

Desta forma, além de usarmos o filme para discutirmos a questão do etnocentrismo, do racismo, podemos discutir também as relações de poder, pois, o “poder” aqui é materializado no anel, talvez para ficar mais fácil o entendimento dos interesses em jogo, ou talvez por ser simplesmente uma opção do diretor, mas, de acordo com Foucault, o poder é exercitado como “um modo de ação de alguns sobre outros” (FOUCAULT, 1995:242). Não há, para o filósofo, o poder como algo maciço ou em estado difuso, concentrado, materializado ou distribuído, “só há poder exercido por ‘uns’ sobre os ‘outros’; o poder só existe em ato, mesmo que, é claro, se inscreva num campo de possibilidade esparso que se apóia sobre estruturas permanentes.” (FOUCAULT, 1995:242)

Por outro lado, na segunda metade do filme já se vê uma oposição, o filme nos apresenta uma realidade que nos alerta para a reflexão sobre a necessidade de se unir com a diferença para garantir a manutenção das sociedades, pois cada uma preserva em si uma relação harmoniosa de poder, bem como de cada espécie, na luta contra o que se considera o mal, que procura o tempo todo escravizá-los na tentativa de estabelecer um estado de dominação, anulando essas relações de poder, pois, “o poder só se exerce sobre ‘sujeitos

livres’, enquanto ‘livres’” (FOUCAULT, 1995:244) (sujeitos individuais ou coletivos), e que só pode ser vencido por meio da união dos mais diferentes grupos, isto é, a experiência e vivência de cada um, a diferença será o esteio para a derrota do inimigo imediato, comum de ambos, pois a liberdade de cada indivíduo ou sociedade está ameaçada pelo risco da escravidão bem como pelo abuso de poder exercido pelo Senhor do Escuro. E, de acordo com Foucault, a escravidão não é uma relação de poder e sim uma relação física de coação.

Desse modo, as palavras de Todorov, “o eu e o outro”, implicam numa dinâmica que estabeleça a constituição dessa nova sociedade pautada pelo diálogo. O “eu e o outro” mediarão o seu contato trocando informações e tentando aprenderem mutuamente. Podendo até, estabelecer uma “nova” cultura ou garantir a sobrevivência dos homens por meio do diálogo com o outro. Desse modo, sai-se de uma cultura permeada pela relação de um “eu” com o “outro” para uma sociedade que preserve algumas de suas características individuais, mas reconhece a necessidade de aprender com o outro, na qual talvez, parecesse que estivéssemos diante de um processo de hibridação.

Essas questões podem ser observadas no filme, no momento anterior à constituição da sociedade do anel. Ao iniciar a reunião para a apresentação do anel aos representantes das “raças” que habitavam a Terra-Média, tem início um período de crise, de discórdia em que ambos se atacam pelas suas características, ou seja, pelo modo como cada um se via, e pela maneira como eles viam o outro. Por exemplo: os elfos, considerados as criaturas mais sábias, justas e belas, acreditavam que o anel deveria ser destruído e que eles eram capazes de cumprir tal tarefa; os anões não confiavam nos elfos e nem na possibilidade de que um elfo pudesse portar o anel ao local onde deveria ser destruído; os homens, por sua vez, vistos como gananciosos, acreditavam que o anel poderia ser usado para combater as forças do mal, mesmo sabendo que essa era a essência do anel, já que este fora criado por Sauron, o Senhor do Escuro; já os hobbits, destituídos de qualquer poder ou pretensão, na figura de Frodo e por já portar o anel da discórdia, se apresentou para a árdua missão de levar o anel à montanha da perdição, único local onde poderia ser destruído, apesar de não saber o caminho nem como fazê-lo.

Após o estabelecimento da ordem, partindo de um ponto onde ninguém esperava, cada um se colocou à disposição do hobbit, com as suas habilidades, para auxiliá-lo nesta tarefa, estabelecendo um acordo baseado na confiança. Pelo olhar de Foucault, podemos entender que a partir deste momento temos o estabelecimento de um jogo de poder como um conjunto de regras de produção da verdade, no sentido em que “é um conjunto de procedimentos que conduzem a um certo resultado” (FOUCAULT, 2004:282). Tem-se, a partir

deste momento o estabelecimento da “Sociedade do Anel”, como já vimos, como uma forma de oposição, e o desenrolar de todo o enredo. Fazendo uma amarração com a discussão de Todorov sobre o etnocentrismo, conseqüentemente, sobre as formas de intolerância, traremos mais uma passagem de Foucault, em uma de suas explanações quanto às formas de oposição ao poder de “uns” sobre os “outros”, que diz:

São lutas que questionam o estatuto do indivíduo: por um lado, afirmam o direito de ser diferente e enfatizam tudo aquilo que torna os indivíduos verdadeiramente individuais. Por outro lado, atacam tudo aquilo que separa o indivíduo, que quebra sua relação com os outros, fragmenta a vida comunitária, força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga à sua própria identidade de um modo coercitivo. (FOUCAULT, 1995:234-235)

A partir de então, o filme nos oferece os elementos que possibilitaram aos sujeitos envolvidos na trama romperem com o racismo universal, bem como com os seus mitos e lendas sobre os outros. Demonstrando que houve um processo em que a diferença não foi transformada em desigualdade, mas por meio de um acordo, de um denominador comum, estabeleceram as regras pela quais iriam conviver em sociedade.

Desse modo, a narrativa do filme, após o estabelecimento da Sociedade do Anel, revela que o olhar de um grupo para com o outro, aos poucos, foi se transformando. Assim, os grupos aprenderam a conviver com a diferença, cultivando o respeito, a amizade, os laços fraternais e, por ora, mesmo que seja um filme *hollywoodiano*, a dimensão que o mesmo permite destacar é que o propósito comum dos mais diferentes grupos é o bem-estar da sociedade. Constituindo, um contrato social que foi construído com base nessas regras.

Pautando-se por um viés histórico, em que se enfatize a relação presente e passado, a análise do filme tem como objetivo discutir questões relacionadas à sociedade em que vivemos. Neste sentido, permite aos professores suscitarem indagações que levem os alunos a refletirem a maneira pela qual dialogam com os sujeitos que não fazem parte da sua comunidade; como vêem os índios, os ciganos e o MST (Movimento dos Sem Terra), dentre outros grupos?

Retornando a frase de Todorov, “eu” e o “outro” podemos pensar como se deu o diálogo entre os índios Maias, Incas e Astecas e os espanhóis. Isso abre espaço para discutirmos a relação do etnocentrismo analisando o processo de colonização espanhola.

Aqui, a relação foi estabelecida por meio do contato. Contudo, ressaltamos que pairava o desejo de dominação. Não que as relações de dominação não fossem prática comum entre os nativos pré-colombianos, mas, em cada povo ou sociedade nativa existia uma relação

de poder e um estado de dominação específico. Com a chegada dos europeus, essa relação de poder específica das sociedades nativas foi alterada. Nas palavras de Foucault,

Essa análise das relações de poder constitui um campo extremamente complexo; ela às vezes encontra o que se pode chamar de fatos, ou estados de dominação, nos quais as relações de poder, em vez de serem móveis e permitirem aos diferentes parceiros uma estratégia que os modifique, se encontram bloqueadas e cristalizadas. Quando um indivíduo ou um grupo social chega a bloquear um campo de relações de poder, a torná-las imóveis e fixas e a impedir qualquer reversibilidade do movimento – por instrumentos que tanto podem ser econômicos quanto políticos ou militares –, estamos diante do que se pode chamar de um estado de dominação. (FOUCAULT, 1995:266)

Isto é, o diálogo entre pré-colombianos e espanhóis era “obscuro” e as regras desse contrato não foram bem definidas.

O contato, no primeiro momento, levou a um estranhamento, que por sua vez, produziu um choque cultural, já que havia o desejo de dominação que não passava por um encontro em que as sociedades pudessem conviver pautadas pelas regras de harmonia. Apesar disso, esse choque cultural possibilitou a preservação de parte da cultura de cada grupo, o que nos indica que não é possível pensar as relações entre o “eu” e o “outro”, nesse caso, índios e espanhóis pelo viés da identidade pura, uma vez que ocorrendo ou não um contato passivo, passavam pelo processo do hibridismo.

Fizemos essas considerações, para além do filme “O senhor dos anéis”, por acreditarmos que essas questões do “eu” e do “outro” e do “eu” e o “outro” perpassam todas as sociedades, assumindo o caráter de universal, contudo, devem ser particularizadas. Em outras palavras, um tema que propõe a pensar como se relacionam os seres humanos, assume para os pesquisadores uma perspectiva de história temática, sendo necessário pensarmos essas questões em diferentes temporalidades, desde que, particularizadas em cada sociedade.

Em suma, é importante entendermos que o filme como um recurso didático-pedagógico é um elemento que não exclui outros recursos, como o livro-didático, mas que complementa e torna um importante instrumento para discutirmos questões relativas à nossa sociedade.

O trabalho com o filme em sala de aula pode ser realizado de diferentes maneiras; sobretudo com aspectos pedagógicos, os quais ampliam as possibilidades do trabalho docente uma vez que o espaço da sala de aula pode ser transformado em um laboratório, onde alunos,

constitui um instrumento a ser veiculado no circuito comercial, bem como ser visto como meio de lazer e entretenimento, o que limita sua condição de produção e a assuntos a serem abordados como algo cotidiano que trata temas históricos.

E ainda, verificamos que a linguagem cinematográfica, dessa experiência, foi absolvida com muita facilidade pelos alunos, que já estão habituados com a linguagem da mídia e que se tornou interessante pelo poder de reflexão que exerce, à medida que é trabalhado o ponto de partida para as questões que estão envoltas na relação presente e passado da história.

Referências:

ABREU, Martha. Cultura Política, música popular e cultura afro-brasileira: algumas questões para a pesquisa e o ensino de história. In: **SOIHET, R & outros (orgs). Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história.** Rio de Janeiro: MAUAD. 2005.

BHABHA, Homi K. Interrogando a identidade: Franz Fanon e a Prerrogativa Pós-colonial. In: **O local da Cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador.** Prefácio: Jacques Le Goff; Apresentação: Lilia Moritz Schwarcz; Tradução: André Telles – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Tradução: Maria de Lourdes Menezes - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COSTA, Maria Vorraber. **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. In: **Ética, sexualidade, política** / Michel Foucault; organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. O Sujeito e o Poder. In: **DREYFUS, Hubert L. & RABINOW, Paul. Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JANOTTI, Maria de Lourdes M. “História, Política e Ensino”. IN: BITTENCOURT, Circe (Org). **O saber histórico em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2001.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os Outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana,** vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.